



DESCOBRIR O CORPO: uma história sem fim

Denise Bernuzzi de Sant'Anna

RESUMO – *Descobrir o corpo: uma história sem fim.* Este artigo trata das relações entre descoberta do corpo e a possibilidade de novos riscos para a saúde. O paradoxo entre a construção do corpo livre e a implementação de inúmeras alterações corporais foi estudada nas ciências e nas artes. Através da história atual é possível perceber como este paradoxo muda e como os eventos de 1968 e suas repercussões apontaram para um novo sentido da reconstrução do eu, revelando a emergência de problemas e desafios para as ciências humanas.

Palavras-chave: *corpo, história, cultura.*

ABSTRACT – *Discovering the body: an endless story.* The article deals with the relationship between the discovery of the body and the possibility of news risks for the health. The paradox between constructing a free body and implementing many forms of body alteration was registered in sciences and arts. Looking back through the actual history we can see how this paradox changes and how the events of 1968 and their repercussions demonstrated a new sense for the reconstruction of self, revealing problems and challenges for the humanities.

Key-words: *body, history, culture.*

À primeira vista o corpo é o que há de mais concreto e natural ao homem. Todavia, basta refletir com um certo vagar a seu respeito para que ele se revele surpreendente e desconhecido, resistente ao discurso, silencioso diante da infinita vontade de saber sobre o seu funcionamento. Sempre tivemos ou fomos um corpo; por conseguinte, ele nos parece familiar, o registro mais fiel daquilo que consideramos “a nossa identidade”.

No entanto, esta familiaridade nunca é duradoura. Ela não garante a manutenção do reconhecimento dos traços físicos ao longo dos anos. Pois, o corpo, tal como a vida, está em constante mutação. As aparências físicas demonstram de modo exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho.

Conhecer o corpo é, também, uma tarefa incerta, e as certezas acumuladas a seu respeito são provisórias. Pois, cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. E se o corpo não escapa à história, faz sentido dizer com Certeau que cada cultura tem seu corpo assim como ela possui a sua língua (De Certeau, 1982, p. 180). Além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos.

Por conseguinte, o gosto pelas modificações do corpo esteve presente em diferentes civilizações. Da ornamentação e das tatuagens utilizadas no Neolítico, à cosmética e às cirurgias estéticas de nossos dias, as metamorfoses corporais provocadas pelo ser humano serviram aos mais diferentes fins: para embelezar e fortalecer o corpo, para marcar um estatuto social e modos de pertencimento ou de exclusão em relação ao mundo natural, sobrenatural e social, como maneira de se auto-superar... há, de fato, uma miríade de finalidades relacionadas às modificações corporais e elas sempre indicam os limites e os sonhos de cada indivíduo e de cada sociedade. Além disso, as intervenções realizadas sobre o corpo estão intimamente relacionadas às suas sucessivas redescobertas: estamos constantemente redescobrimo o corpo. Ao longo do século XX, por exemplo, o corpo foi redescoberto pelo higienismo redentor e pelos combates contra a suposta degenerescência das raças, a seguir pela proliferação das colônias de lazer, pela expansão do cinema, do escotismo e da emergência das férias pagas, depois pelas seduções da publicidade e da televisão e, mais recentemente, pelos movimentos de liberação sexual, pelos novos ritmos musicais, as diferentes tendências da moda, a massificação da pornografia e, enfim, o advento da biotecnologia.

São alguns dos recentes sentidos culturais expressos pelas modificações e redescobertas do corpo que pretendemos abordar neste pequeno texto: modificações do corpo capazes de provocar a sua ruína ou a sua glória, e que não cessam de despertar o interesse acadêmico e aquele dos profissionais da mídia; redescobertas do corpo que também contribuem para o desenvolvimento de

novos hibridismos entre o homem e os objetos técnicos, alimentando a tendência atual em dotar objetos e máquinas de um corpo orgânico, ao mesmo tempo sensível, inteligente e sintético.

A voga do corpo

A secular variedade de intervenções no corpo revela que as preocupações a seu respeito não são uma tendência exclusiva das sociedades contemporâneas. Há séculos a medicina, por exemplo, vem se dedicando ao estudo das doenças e desvendando os mistérios do organismo humano. Os manuais de saúde e beleza foram bastante comuns às elites letradas do passado, e os remédios caseiros sempre integraram o cotidiano de milhares de homens e mulheres pobres. Mas, talvez, fosse preciso lembrar sem demora que a preocupação com o próprio corpo não carece de grandes justificativas: parece completamente natural ao ser humano inquietar-se diante de suas transformações corporais, especialmente quando elas anunciam doenças ou são percebidas como marcas do envelhecimento.

Todavia, depois dos movimentos de liberação da década de 60, houve uma preocupação cada vez mais assídua e insistente para com a saúde e o bem-estar corporal. Na mídia e nas universidades, milhares de imagens e de discursos sobre a beleza corporal, o cotidiano sexual e alimentar de jovens e idosos apostavam na liberação do corpo face a antigos pudores morais. Valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse tão importante como outrora havia sido a alma. Em meio às influências da contracultura e da expansão da sociedade de consumo, o corpo tornou-se um tema cada vez mais presente: era preciso assumi-lo e redimi-lo, reconquistá-lo, conhecê-lo e liberá-lo. Descobriu-se que o corpo expressava a marca de seus fantasmas inconscientes, recolhia traumas e abrigava repressões que deveriam ser tratadas cotidianamente.

Na universidade, longe de se limitar ao campo da medicina e da biologia, o corpo conquistou o interesse das pesquisas de psicólogos, sociólogos, historiadores e outros profissionais das ciências humanas. Para Jean Baudrillard (1972), por exemplo, vivia-se numa época de intensa “positividade do corpo”, para Jean-Marie Brohm (1975) este tema já era uma “moda hegemônica”; enquanto que, na história, Prost inseria o corpo num dos aspectos mais relevantes dos estudos sobre a vida privada (1987, p. 102). O corpo era redescoberto como sendo um “sensível”, agora, muito mais próximo da identidade de cada um do que no passado.

Esta espécie de redescoberta do corpo era assiduamente alimentada pelo verdadeiro *boom* ocorrido na megaindústria da beleza e do lazer. O comércio de medicamentos destinados ao emagrecimento e à manutenção da boa forma se

banalizava juntamente com a massificação dos programas de televisão preocupados em aconselhar cada um a “adquirir um corpo belo e saudável”. Como se, doravante, fosse preciso, mais do que nunca, tomar consciência de que o corpo é algo que se adquire, se conquista e se constrói.

Sempre redescoberto, nunca completamente revelado

No entanto, tal como em outros momentos da história, esta voga do corpo mostrava-se paradoxal. A proliferação acelerada de produtos, tecnologias, terapias e saberes visando ao fortalecimento e ao embelezamento do corpo coexistia com tentativas de transformá-lo em mercadoria, em objeto disponível à manipulação industrial e ao comércio global. Ou seja, por um lado, vivia-se uma série de cultos ao corpo, a valorização da dignidade física e a conscientização de que era fundamental conhecer o próprio organismo para liberá-lo das explorações e coerções sociais. Por outro, as imagens de violência feitas aos corpos aumentavam com uma velocidade impressionante, as ameaças físicas proliferavam no cotidiano, enquanto que o comércio internacional de partes do corpo incluía não somente órgãos mas, também, células e genes.

Tais paradoxos são instigantes, pois indicam a complexidade da redescoberta do corpo e sua inserção na história: cada nova solução inventada para melhorar a saúde e a aparência dos corpos tende a ser seguida por novas dúvidas a seu respeito, por inusitadas recodificações do comércio e da indústria, e pela ampliação do território do incerto e do arriscado. Georges Vigarello é um dos pesquisadores dedicados à compreensão de uma parte desta tendência histórica: confirmando aquilo que François Dagognet já havia anunciado acerca do conhecimento do corpo, Vigarello lembra, em seus diferentes estudos, o quanto a tarefa de investigar o corpo é infinita, um constante caminhar no escuro, destinado a enfrentar inúmeros paradoxos¹. O que contribui, em grande medida, para afirmar o caráter inesgotável dos estudos sobre o corpo, assim como a sua constituição sócio-cultural, tal como sublinharam, cada um a seu modo, Pierre Bourdieu, Luc Boltanski e, antes deles, Georg Simmel no começo do século XX, Norbert Elias e Marcel Mauss na década de 1930².

As dimensões sociais do corpo foram diversamente analisadas pela etnologia e pela antropologia e nomes como os de Maurice Leenhardt, B. Malinowski, Roger Bastide, Margaret Mead, Gregory Bateson, C. Lévi-Strauss figuram entre aqueles pesquisadores preocupados em compreender os sentidos culturais dos gestos e da oralidade. A revista francesa *Quel Corps*, fundada em 1975, também veiculou algumas das pesquisas realizadas sobre o corpo, ressaltando, principalmente, a necessidade de tomar consciência sobre os processos de alienação corporal não somente no trabalho, mas também nas relações amorosas, no esporte e em outras formas de lazer. Naqueles anos, enquanto Michel

Foucault pesquisava a produção do corpo por meio das disciplinas e dos cuidados de si; Jean-Marie Brohm, por exemplo, sublinhava as relações entre esporte e interesses políticos e assinalava o quanto a cultura do corpo se tornava rapidamente uma caricatura submetida aos interesses do mercado; Jean Baudrillard já havia escrito que “toda a história atual do corpo é aquela de sua demarcação”, considerando a rede de marcas e de signos que o esquadriham, alertando para a transformação da liberação do corpo numa *soft* pornografia (Brohm, 1986, p. 7 ; Baudrillard, 1970, p. 204). Como Marcuse, Baudrillard sublinhava as formas de alienação próprias aos momentos de lazer e de cuidados com o corpo, enquanto Gilles Lipovetsky investigava as práticas e representações do corpo, num diálogo com autores americanos, tais como Christopher Lasch e Richard Sennett, demonstrando que nosso interesse por este assunto nunca é livre ou espontâneo, pois responde a imperativos sociais e a tendências culturais, tais como aquela do fim de uma sociedade calcada no dever e nas normas de cunho moral.

A produção de livros, teses e artigos sobre a importância do corpo na cultura contemporânea é vasta e diversificada. E, como não poderia deixar de ser, boa parte dela sofreu modificações significativas ao longo dos anos. Assim, por exemplo, do corpo alienado, privilegiou-se o corpo fragmentado, fragilizado e violentado pela economia de mercado e pelas novas formas da exploração no trabalho e no lazer. E ainda: do corpo liberado, tendeu-se a focalizar o corpo sintonizado com a ecologia e, ao mesmo tempo, com as novas tecnologias, principalmente em sociedades que trocaram o valor da norma por aquele do risco.

Da liberação moral ao culto da *performance*

Maior de 68 havia valorizado a ruptura em relação às regras de condutas misóginas ou devotas à pureza sexual e à uma moral do sacrifício. A partir dos anos 80, as imagens publicitárias da juventude anunciavam uma tendência distinta, com finalidades coerentes com os interesses econômicos globalizados: mais do que liberação moral e sexual, seria necessário liberar o corpo de seu patrimônio genético, incluindo as rupturas de gênero e de espécie; diferente de escolher um modo de vida alternativo, tratava-se de alterar os estados físicos e de consciência dentro da sociedade, nas empresas, no esporte, com o apoio da ciência e da técnica, individualmente, e em nome de um modo de ser mais veloz, performático e ousado. As fronteiras entre natureza e cultura, entre corpo humano e não humano foram, mais uma vez, rompidas. Para alguns, não se tratava apenas de obter um corpo liberado sexualmente, mas, principalmente, de fabricar um corpo bem adaptado aos progressos e sonhos tecnocientíficos contemporâneos. E, caso o corpo não acompanhasse tal ambição, ele correria o risco de se tornar obsoleto.

Certamente, emergiram críticas anunciando os perigos dos corpos criados artificialmente e fusionados às diferentes máquinas, enquanto a ficção científica produzia inúmeros modelos de beleza e de apocalipse, baseados na suposta ruptura absoluta de todas as fronteiras, separando o vivo do não vivo. Mas ficava difícil criticar as redescobertas do corpo quando estas defendiam ao mesmo tempo o respeito à natureza e o seu ultrapassamento, o pragmatismo e o aumento da sensibilidade, a aventura e o refinamento do controle de si, a adrenalina e a intimidade das relações entre o corpo e a técnica. Se, no passado, descobrir e valorizar o corpo era promover uma virtude contra o perigo da decadência moral, doravante, trata-se de usufruir sensações inéditas, exercitar o corpo para adquirir percepções ampliadas e uma infinita quantidade de prazeres polivalentes e mutáveis.

Em certos casos, o estilo esportivo saiu dos estádios, invadiu as ruas, transformando-se no principal porta-voz dessa tendência que mistura tecnologia e ecologia, prazer do risco e do controle do corpo. Ao ideal de corpo produtor de energia, típico das sociedades industriais, era acrescentada a imagem do corpo fabricante de informações³. A importância adquirida pelas pesquisas com o genoma humano realçaram ainda mais rapidamente esta tendência, na medida em que elas contribuíram para a criação de um imaginário no qual a intimidade orgânica, os segredos da vida e os dos corpos, são de fato “pacotes de informação” genéticas.

Mas as informações sobre o funcionamento do corpo, concebido mais do que nunca como um hipertexto, no qual se misturam dados de épocas e heranças distintas, também se banalizaram no cotidiano de trabalho e de lazer. E não tardaram a exigir que cada indivíduo aprendesse a decodificar, incessantemente, as linguagens de seu organismo, mantendo-se constantemente em comunicação com cada uma de suas partes. Inúmeras academias de ginástica, por exemplo, assim como vários conselhos de saúde e beleza, apostaram na contagem das calorias, nos cálculos dos elementos químicos produzidos e consumidos pelos corpos. Uma economia corporal ordinária e totalizante penetrava na vida de gordos, magros, jovens e idosos. E, em meio à nova matemática por ela estipulada (que não é apenas alimentar), a voga do esporte se atrelava à valorização da imagem do empresário.

Assim, no cinema, e ainda na política, ser empresário na empresa e ser empresário do próprio corpo integravam um mesmo ideal. Uma espécie de versão empresarial do corpo e da vida colocou em alta os recordes de calorias conquistadas ou eliminadas, muita massa muscular delineada, grandes quantidades de velocidade, consumida em corridas aceleradas e em aventuras comercializadas em massa. “Versão musculosa” do cotidiano, lembrou Ehrenberg (1991, p. 17); aceleração do corpo e dos deslocamentos, sublinhou Virilio⁴: a generalização do estilo esportivo pregava a autonomia como norma e a conquista de novos recordes como meta. Governar a si mesmo e pilotar o corpo em busca de quantidades crescentes de energia e de informação sobre si mesmo: o

sucesso no comércio das vitaminas e suplementos nutricionais se destinava a todos os que ousavam amar sem pudores o sucesso, o dinheiro e o risco. Ser veloz e saudável era aqui conjugado com a necessidade de ser produtivo, descontraído e sexualmente feliz.

Mas, como em qualquer redescoberta do corpo, esta foi acompanhada de problemas e de novos desafios. Quando a versão acelerada do culto ao corpo produziu uma multidão de musculosos e “aeróbicos”, houve quem os acusasse de reduzir toda atividade, inclusive a sexual, a mais uma *performance*. O que indicava que o culto ao corpo se travestia em culto da *performance*, traduzida pela atualização do antigo ideal do *self-made man* americano. Houve também quem justificasse positivamente o fortalecimento do corpo em moda e compreendesse que transformá-lo numa espécie de casamata era um meio de se proteger da violência cidadina e uma estratégia para esconder do olhar alheio os pudores internos⁵. Vestir-se de músculos (e da cor proporcionada pelo sol) indicariam, portanto, a persistência de antigos puritanismos diante do corpo nu.

Do corpo performático ao corpo incerto, estressado e turbinado

Todavia, como a distância entre corpo e alma nem sempre é muito grande, juntamente com a valorização de imagens de corpos acelerados e performáticos emergiu a exaltação de uma espécie de “subjetividade turbinada”. Além disso, carros “turbos” e “corpos turbos” entram numa incrível combinação com a antiga versão das mulheres “aviões”, em meio ao fascínio pela pele riça, lisa, bronzada e vitaminada. Surgem, então, imagens de mulheres turbinadas graças à ação de diferentes produtos industriais. Para elas, a saúde não significava apenas estar longe da doença e sim “ter um superávit” de energia e vitalidade. A publicidade encontrou nas imagens de homens e mulheres turbinados, completamente ligados a seus telefones, computadores, aparelhos de ginástica, anti-depressivos e outros *gadgets*, um exemplo de “corpo hiperpotente e totalmente produtivo, lucrativo, comercializável”. Por isso, há quem suspeite que estas imagens evoquem indivíduos paradoxais: cada vez mais conectados a suas máquinas e a seus corpos e cada vez mais isolados do coletivo. O único coletivo que lhes restaria seria aquele secretado pela empresa, ou se ja, pelo trabalho. Aqui, se acreditaria que a política teria se tornado o lugar do roubo e da disputa, enquanto a empresa, o espaço do poder por excelência e, até mesmo, da cidadania. É quando a empresa fornece lazer, faz publicidade defendendo a preservação do meio ambiente, cria uma marca humanizante de si mesma. E, por conseguinte, fica a impressão de que somente a empresa secreta solidariedade, somente dentro dela haveria possibilidade de relação social. Sem ela, o ser humano sombrearia na insignificância.

Homens e mulheres turbinados continuaram, certamente, a fazer parte do cenário mundial. Mas uma parte do espírito de “concorrente inabalável” e de negociador esperto e atlético não tardou a se desmanchar em estresse, depressão, colesterol, ansiedade ou a descobrir artroses, músculos distendidos e vitaminas falsificadas. A generalização da concorrência a toda atividade, assim como a tendência em transformar qualquer relação social em mais um “negócio” a ser vencido, não tardou a mostrar seus limites.

Outros se recolheram em seus lares e para dentro de seus corpos, em busca de suas necessidades particulares ou à procura de uma espécie de desaceleração preventiva. Talvez fossem narcisistas mas, se o fossem, certamente eram Narcisos que haviam sido excluídos da Pólis, pois, nos grandes centros urbanos, houve, igualmente, uma aceleração do processo de diminuição das condições mínimas de lazer e de saúde. Neles, o culto ao corpo começou a soar muito menos como moda ou um signo de modernidade, e muito mais como uma necessidade básica, ou como a única opção de garantia de um mínimo de qualidade de vida. Uma questão ganha importância: como andar a pé, correr, andar de bicicleta, nadar, em suma, explorar as capacidades do corpo em favor de sua saúde e prazer, morando em cidades cada vez menos solidárias ao pedestre e mais adaptadas a automóveis? Por vezes, não restava alternativa senão os clubes e outros locais fechados, privados, nos quais a natureza tende a ser cada vez mais reconstruída artificialmente: no lugar de lagos e rios, piscinas e cascatas artificiais, no lugar de florestas, áreas verdes.

O imperativo da comunicação

Vários cultos ao corpo começaram a se sustentar menos na culpa e na disciplina e mais no espírito de iniciativa e na necessidade de se comunicar. “É preciso ter iniciativa”, grande conquista e grande obrigação atual. Se outrora havia um fascínio e um enorme receio diante da falta de moral e das atitudes consideradas transgressoras, atualmente, há um entusiasmo crescente diante da necessidade de ter iniciativa e, principalmente, de fazer com que ela facilite a comunicação. É preciso se comunicar e possuir um corpo, uma casa, um carro, idéias, parceiros, objetos pessoais e espaços que façam o mesmo: comuniquem! Mesmo que seja para comunicar o incomunicável ou aquilo que já é massivamente comunicado. A sociedade de consumo demanda que todos comuniquem imagens de marcas. Restaria saber quais experiências o imperativo da comunicação demanda de cada um.

O corpo, em particular, não cessa de ser coagido a funcionar como processador comunicacional ambulante. Ele sempre funcionou como uma mídia, mas, em nossos dias, essa condição parece ter merecido um destaque inusitado. Como se somente agora, plugado às novas tecnologias, ele exercesse plenamente esta função. A ênfase na necessidade de tornar tudo comunicável, passível de entrar em relação, não deixa, contudo, de provocar suspeitas. Talvez ela seja apenas resultado da dificuldade de encontrar mensagens de fato importan-

tes. De todo modo, ela exprime a atual vontade de tornar objetos e corpos cada vez mais sensíveis.

Esta tendência nos remete para as atuais conquistas industriais relacionadas à invenção de objetos e máquinas com qualidades características, por exemplo, da epiderme humana; assim, algumas superfícies de aparelhos eletrônicos, tais como certos tecidos, embalagens, telas e calçados, possuem a capacidade de conservar temperaturas, modificá-las e de emitir sinais para os seres humanos e o meio-ambiente, acolhendo e processando informações. São gerações de máquinas, produtos e também imóveis inteligentes, pois incluem faculdades até então exclusivas aos humanos. Visto desse ângulo, o corpo não se restringiria mais a fazer parte dos seres vivos. A sensibilidade também não seria um atributo exclusivamente humano, e as fronteiras entre ser vivo e não vivo perderiam a nitidez. Não somente porque dentro do corpo humano estão sendo incorporadas nanomáquinas e diversos produtos artificiais mas porque, no sentido inverso, há a incorporação de partes do corpo humano nas máquinas e em vários objetos. Como se, doravante, redescobrir o corpo, exigisse, também, analisar o “corpo de objetos” e “as sensibilidades dos artefatos”.

As atuais hibridações entre natureza e cultura não asseguram um mundo nem mais nem menos humano. Se houve a conquista de novas liberdades para criar e modificar os corpos, houve, igualmente, o acirramento da vulnerabilidade de cada um diante das demandas publicitárias. Pois se hoje o corpo tende a ser compreendido nas artes e na ciência, na mídia e no cotidiano de milhares de pessoas como sendo um espaço de infinitas potencialidades, atuais e virtuais, não resta dúvida de que descobri-lo adquire ares de uma grande e fascinante empresa. Mas se cada um é considerado o principal descobridor dessa riqueza supostamente inesgotável, fica para cada um, igualmente, não apenas a tarefa de superar os limites do próprio corpo mas, também, aquela de inventá-los. E como em qualquer redescoberta do corpo, quando se pretende superar limites também é necessário fabricá-los.

Esta tarefa é tão fascinante quanto arriscada; especialmente em nossos dias, quando o corpo se tornou o lugar preferido para a descoberta de si mesmo, uma espécie de relíquia de que cada um dispõe e é coagido a cuidar e a proteger incessantemente. Resta saber se as atuais redescobertas do corpo implicam o seu isolamento do coletivo ou o fortalecimento de laços sociais que escapem da tendência de considerar cada relação mais um negócio a ser efetuado. Resta saber, ainda, se as inúmeras descobertas do corpo hoje em voga são capazes de fortalecer a dignidade de cada corpo individualmente, sem precisar com isso degradar as suas relações com os demais corpos. Nada mais, enfim, do que a surrada ambição de atrelar a valorização do corpo individual àquela do corpo do mundo; ambição ou vontade de nunca esquecer o quanto a descoberta do corpo é uma história sem fim, principalmente porque cada corpo – por menor que seja, por mais insignificante que ele pareça – pode ser um elo fundamental entre corpos; e, ainda, porque cada corpo, na finitude de sua existência, expressa o infinito processo vital. Por isso o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida.

Notas

1. Ver entrevista realizada com Georges Vigarello in *Projeto História*, São Paulo, PUC/EDUC, 2º semestre de 2000.
2. No século XIX, para diversos pesquisadores, tais como Villermé, Buret, Nietzsche, Marx e Engels, o corpo já era considerado algo socialmente constituído. Mais tarde, dos estudos de Mauss às pesquisas de Leroi-Gourhan, “as técnicas corporais” foram inúmeras vezes questionadas pela etnologia e pela antropologia. Ver, Marcel Mauss, “Les techniques du corps”, 1936, reed. in *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 1968; ver, também, Georg Simmel, *Essai sur la sociologie des sens, Sociologie et épistémologie*, Paris, PUF, 1981, p.225; e Norbert Elias, *La civilisation des mœurs*, Paris, Calmann-Lévy, 1973.
3. Desenvolvemos este tema no artigo “Corpo e História”, in *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, PUC/EDUC, 1997.
4. Inúmeros livros de Virilio informam sobre esta necessidade de aceleração dos corpos. Ver, por exemplo, *A arte do motor*, São Paulo, Estação Liberdade, 1993.
5. A este respeito ver Jean-Jacques Courtine, “Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo” in: Denise B. de Sant’Anna (Org.), *Políticas do corpo*, São Paulo, Estação Liberdade, 1995.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation*. Paris, Denoël, 1970.
- _____. Le corps ou le charnier de signes. In: *Topique*, Paris, n° 7. Ed. Esprit du temps/ PUF, out. 1972, p. 47-48.
- BROHM, Jean-Marie. *Corps et politique*. Paris: Maspero, 1975.
- _____. L’objet/sujet du corps. In: *Quel corps?* Paris: Ed. de la Passion, 1986
- DE CERTEAU, Michel. Histoires de corps. In: *Esprit*, Paris: Ed. Seuil, n° 62, fev. 1982, p. 73-74.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.
- PROST, Alan. Frontières et espaces du privé. In: DUBY, Georges e ARIÈS, Phillipe (Org.). *Histoire de la vie privée*, T. 5, Paris, Seuil, 1987, p. 102.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna é professora do Pós-Graduação de História na PUC/SP.

Endereço para correspondência:
Rua Dr. Homem de Melo, 629/2151 – Perdizes
05007-000 – São Paulo – SP
E-mail: dbsat@uol.com.br